



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, para documentário da rede BBC

Concedida em 06 de julho de 2009 e veiculada em 14 de setembro de 2009

Jornalista: Presidente, no dia 15 de setembro de 2008, o banco Lehman Brothers quebra. O senhor pode nos lembrar, o senhor pode nos contar como é que o senhor foi informado da quebra do banco, como é que o senhor recebeu a notícia? Qual foi o impacto dela?

Presidente: Olha, primeiro, a notícia foi dada com destaque nos meios de comunicação do Brasil. Eu lembro que no dia seguinte nós fizemos uma reunião entre o Banco Central e o Ministério da Fazenda para discutir os efeitos da quebra do Lehman Brothers e, na verdade, o que nós constatamos é que a quebra do Lehman Brothers era apenas o resultado de um modelo econômico que estava falindo, um modelo econômico baseado na especulação financeira, que tinha dado sinais muito fortes um ano antes. Eu estava, inclusive, no Panamá, quando saiu a primeira notícia do *subprime*, ou seja, a crise imobiliária americana. Eu estava em uma reunião empresarial, alguns empresários ficaram preocupados, alguns, brasileiros. Eu comecei a brincar e perguntar se eles tinham dinheiro aplicado no *subprime*. Talvez alguns tinham, mas não quiseram me dizer que tinham. A gente percebeu que... A partir dali, nós fazíamos mensalmente reuniões no Brasil, até que quebra o Lehman Brothers. E aí eu acho que nós chegamos ao ápice da crise porque, com a quebra do Lehman Brothers, a sequência natural foi a extinção do crédito internacional, ou seja, acabou o crédito para todo mundo, sumiram os dólares que estavam passeando no mundo, trilhões e bilhões de dólares, atravessando o oceano, ou seja, e de repente desapareceram esses dólares. Você não tinha mais crédito no mundo, e esse crédito, inclusive no Brasil, teve efeitos muito



desastrosos.

Jornalista: Especificamente no dia ou no dia seguinte a essa reunião que o senhor teve, no dia seguinte, com quem o senhor conversou, em que momento o senhor entrou em contato com os Estados Unidos, por exemplo, para saber o que estava acontecendo. Quem deu a notícia para o senhor?

Presidente: Na verdade, eu não entrei em contato com os Estados Unidos, porque tinha contato do ministro da Fazenda com o ministro da Fazenda americano, tinha contato do Banco Central brasileiro com o Banco Central americano. A minha conversa era diretamente com o pessoal da área econômica brasileira, ou seja... E aí nós começamos a sentir o problema mais sério que foi, como eu te disse, a falta de crédito. Empresas como a Petrobras, empresas como a Vale do Rio Doce, tinham um problema de tomar dinheiro em dólar lá fora, os nossos exportadores começaram a ter problema. Porque antes nós fazíamos uma avaliação de que a crise chegaria no Brasil com um efeito muito pequeno. Não apenas os economistas do governo; os economistas da oposição, todo mundo que fazia análise econômica dizia que, por conta do *subprime*, a crise seria muito pequena no Brasil, que as nossas exportações poderiam sofrer um revés que pudesse desaquecer 1% da nossa balança comercial. Ou, quem sabe, cair 1% do PIB. Essa era a avaliação, até que cai e quebra o Lehman Brothers.

O que aconteceu? Nós tivemos, em setembro, outubro, novembro e dezembro, muito pânico junto ao empresariado brasileiro, muito pânico junto aos meios de comunicação. Acho que houve um exagero dos setores empresariais brasileiros, como a indústria automobilística, que deu férias coletivas no final do ano, ou seja, praticamente um mês sem produzir para desovar o estoque. Causou um impacto muito grande no PIB industrial, coisa que não precisaria ter causado. Alguns empresários que estavam com projetos



de investimentos, já financiados pelo BNDES, pararam para olhar o que estava acontecendo, e aí todo mundo começou a ficar com medo.

Eu fui à televisão no dia 22 de dezembro fazer um pronunciamento para convocar o povo a comprar, porque dizia-se que se o povo comprasse e fizesse dívida, e ele ficasse desempregado, ele não podia pagar. Eu fui dizer que se ele não comprasse, ele poderia perder o emprego, porque aí a economia ficaria atrofiada. Eu até utilizei um nome que tinha que fazer a rodagem da economia rodar sempre, porque se ela parasse nós poderíamos ter um desastre maior.

O dado concreto é que no comércio varejista nós continuamos crescendo, ninguém reclamou, o povo continuou consumindo e o Estado continuou fazendo os seus investimentos. Então, a crise se deu exatamente na iniciativa privada e no sistema financeiro de crédito internacional. Porque também o crédito no Brasil, os bancos brasileiros, não estavam subordinados à especulação, tal como estava a economia internacional, porque nós temos uma regulamentação em que o sistema financeiro brasileiro só pode alavancar até dez vezes o seu patrimônio líquido, quando lá fora você poderia especular 30 vezes, 35 vezes.

Jornalista: Presidente, voltando, em que momento exatamente o senhor se deu conta de que a crise poderia bater forte no Brasil?

Presidente: Olha, o momento mais duro foi quando eu vi a Petrobras ir à Caixa Econômica tomar dinheiro emprestado, competindo com os pequenos empresários, que era quem tomava investimento na Caixa Econômica Federal. E por que a Petrobras foi à Caixa Econômica? Porque não tinha crédito fora. Você imagina, uma empresa como a Petrobras, com um valor patrimonial de mais de US\$ 200 bilhões, não conseguir empréstimo lá fora, é porque a coisa estava realmente muito ruim.



Bem, depois disso, eu acredito que nós tomamos algumas decisões importantes. É importante lembrar que no caso brasileiro, nós tínhamos criado o PAC em 2007, portanto, com muita antecedência da crise. Não se falava em crise ainda quando nós aprontamos o maior programa de investimentos em obras de infraestrutura já feito no Brasil. Eram US\$ 304 bilhões previstos até 2010, na área de infraestrutura, na área de saneamento básico, na área de habitação. Quando a crise aprofundou, nós começamos a tomar medidas anticíclicas que permitiram que a economia brasileira fosse analisada por todos os economistas como a economia que tinha entrado por último na crise e que poderia sair primeiro da crise, e isso nos deixou mais otimistas. Alguns setores empresariais começaram a fazer investimentos em várias regiões. Eu tive com o BNDES. Eu provoquei o meu amigo Luciano Coutinho para que ele chamasse os empresários que tinham investimentos financiados pelo BNDES e que eles comessem a tocar as obras. Todas as obras de infraestrutura nós acordamos para que as empresas contratassem, em dois ou três turnos, as obras, para que a gente pudesse gerar os empregos que a economia precisava que fossem gerados. E eu penso que isso conseguiu estabilizar. Nós fizemos uma série de desonerações em vários produtos.

Esse semestre, por exemplo... no segundo [primeiro] semestre de 2009, a indústria automobilística brasileira vendeu mais do que no primeiro semestre do mesmo período de 2008, tanto em vendas como em produção. Nós demos incentivos. Nós abrimos mão de determinados tributos para fomentar a linha branca: geladeiras, máquinas, fogões, carros, material de construção. Lançamos um programa muito grande de um milhão de casas para incentivar a construção civil, fizemos desonerações no material de construção civil. Tudo isso permitiu que nós, sem abrir mão de nenhum centavo da política social – não mexemos –, sem que nós abrissemos mão de um centavo do PAC, nós ainda criamos mais políticas de investimentos para enfrentar a crise. Porque nós também entendemos que era uma crise diferente, não era uma crise de



contenção ou de ajuste fiscal. Era uma crise de investimento, era uma crise em que o Estado deveria aparecer como sujeito da história, o Estado fazer aquilo que a iniciativa privada não conseguia fazer. E, graças a Deus, nós conseguimos dar passos importantes.

Jornalista: Na sua opinião, Presidente, o que é que levou a essa crise? Quais foram os fatores que levaram a essa crise?

Presidente: Eu acho que a primeira coisa que levou a essa crise foi a falta de regulação do sistema financeiro. Quando você tinha crise na Ásia, quando você tinha crise na Rússia, quando você tinha crise no Brasil ou no México, ou seja, eram crises de países em desenvolvimento, as pessoas não davam muita importância. Exigiam que os países fizessem ajustes fiscais muito fortes, a economia ficava atrofiada. E aí, nós até falamos da década perdida, ou seja, no fundo foram duas décadas perdidas na América do Sul.

Essa crise acontece quando todos os países da América do Sul e da América Latina estão vivendo um momento excepcional de crescimento, e a especulação bancada pelos países ricos é que levou a essa crise. Não havia nenhuma regulação do sistema financeiro. Se a gente pegasse o que aconteceu um ano antes, a gente iria ver o seguinte: o que motivou o preço do petróleo chegar a US\$ 150 o barril? Sair de 30 para 150? O que justificou a soja e outras *commodities*, os preços subirem de forma astronômica, sem nenhum critério, a não ser a especulação financeira? As pessoas estavam fugindo do *subprime*, entraram no mercado futuro de *commodities* e começaram a especular com o petróleo, com o minério de ferro, com soja, e isso levou a economia a uma situação delicada.

Você está lembrado que quando surgiu a especulação com os alimentos, a primeira coisa que disseram foi: é o Brasil que está causando isso, por causa da cana-de-açúcar. Nós tivemos que fazer uma investida muito forte



em vários fóruns internacionais para mostrar que o etanol existia há 35 anos, que o Brasil tinha crescido a produção de alimentos, que o mundo tinha diminuído o estoque regulador em quase 6 milhões de toneladas e as especulações estavam causando esse problema do preço.

Depois disso, quando os preços das *commodities* começaram a voltar à normalidade, começa a especulação imobiliária nos Estados Unidos, e, depois disso, a gente começa a saber que os bancos não tinham nenhuma regulação. Um banco nos Estados Unidos poderia alavancar dez vezes o que ele podia alavancar, vinte vezes, trinta vezes, sem nenhum critério. Então, eu acho que foi uma lição de vida para todo mundo. O sistema financeiro não pode deixar de ter uma regulação e o Estado não pode deixar de ter um papel importante de indutor e regulador da economia dos países. Aquela tese do Consenso de Washington, de que o Estado tem que ser mínimo, de que o Estado não pode nada, de que o Estado atrapalha e que o mercado podia tudo, acabou. Acabou porque, quando o sistema financeiro quebrou, quem era o paizão que tinha que ajudar? Era o Estado. É o Estado americano que teve que colocar dinheiro, é o Estado brasileiro que teve que colocar dinheiro, é o Estado alemão que teve que colocar dinheiro. Então, eu penso que agora as pessoas estão percebendo que o Estado tem um papel extraordinário no equilíbrio das relações econômicas internas e externas.

Jornalista: Essas são as causas. Quem são os responsáveis por isso?

Presidente: São os governos, os governos que não cuidaram da regulação.

Jornalista: Que governos seriam?

Presidente: Veja, não tem uma pessoa, é um sistema. É um sistema, porque não era possível que os bancos continuassem ganhando dinheiro sem produzir



uma caneta, sem produzir uma folha de papel, sem produzir um sapato, apenas especulando, especulando, especulando, especulando. Era um papel A que passava para a mão do banqueiro B, depois o papel C passava para a mão do B, ou seja, o mesmo papel fazia muita gente ganhar dinheiro sem produzir uma peça qualquer.

Jornalista: Mas a culpa é sim dos governos, todos os governos, ou os governos dos países ricos?

Presidente: Eu acho que, nesse caso, é dos países ricos. Nesse caso, é dos países ricos. Por quê? Porque acreditaram, durante décadas, que o mercado, por si só, resolvia todos os problemas. Aí quando o mercado se mostrou frágil, incompetente, aí os Estados começaram a perceber que tinham que agir, e agir fortemente. E no Brasil nós não vacilamos. No Brasil nós tomamos as medidas que tínhamos que tomar para permitir que a economia se recuperasse mais rapidamente.

Jornalista: Eu fiz a pergunta para o senhor e eu não vou aparecer na entrevista. O senhor poderia refazer a sua primeira frase “Nesse caso específico, é o problema de todos os países ricos”?

Presidente: Eu penso que, nesse caso, os países ricos são os mais culpados porque não tinham nenhuma regulação no seu sistema financeiro. Eles sabiam dar palpite em tudo sobre a economia dos países em desenvolvimento. Agora, quando a dor de barriga aconteceu com eles, eles não sabiam como agir. O FMI não tinha solução, não tinha certeza e não tinha resposta; o Banco Mundial não tinha solução, não tinha certeza e não tinha resposta; e os governos também não tinham, os governos também não tinham. Daí a importância das decisões que foram tomadas de articular no G-20. O G-8 já não resolvia mais o



problema da crise econômica, até porque eram os países do G-8 que tinham maior responsabilidade com a crise financeira, e eles sabiam que a irracionalidade do sistema financeiro deles ia causar prejuízos muito fortes nos países mais pobres, sobretudo nos países da África. E aí se criou o G-20, que eu penso que começou a encaminhar soluções importantes para os problemas da crise econômica.

Jornalista: Antes de entrar um pouco mais no G-20, no seu ponto de vista, o Brasil fez toda a lição de casa. Estava num grande momento, ia “explodir”, e acontece a crise. Como é que, pessoalmente, o senhor se sentiu quando percebeu que, apesar de ter feito toda a lição de casa...

Presidente: Essa é uma coisa muito engraçada, porque no mês de junho nós fizemos uma reunião da equipe econômica e da coordenação de governo, e nós estávamos preocupados com o excesso de crescimento no Brasil, ou seja, nós estávamos com um olho na inflação e, ao mesmo tempo, com um olho na alta... no alto consumo brasileiro. A indústria automobilística estava vendendo muito, o povo estava comprando muito e eu sei que foi feita sugestão para que a gente começasse a fazer um pouco de contenção no consumo. E eu dizia que a gente não poderia fazer contenção no consumo, porque se a gente aumentasse o preço do carro, diminuísse a quantidade de prestações e criasse o IOF, a gente ia dar uma injeção na veia para desativar a economia brasileira, e eu não queria. E aí veio a crise, desativou por conta própria, eu diria, um pouco porque ela foi muito forte, e um pouco porque muitos empresários brasileiros ficaram com medo. Essa é a verdade. Nós tivemos 50 ou 60% de crise, tivemos 40% de pânico, muitas pessoas agiram de forma precipitada no combate, no enfrentamento da crise, sobretudo os investidores, e no governo nós resolvemos, então, tomar as medidas que tínhamos que tomar, sabe, e eu acho que tomamos todas as medidas que deveríamos tomar.



Jornalista: Como é que o senhor se sentiu, pessoalmente?

Presidente: Eu me senti decepcionado, porque depois de 20 anos sem crescimento econômico, depois de o Brasil fazer tudo o que tinha que fazer, depois de a gente estabelecer... estabilizar a economia brasileira, depois de a gente controlar a inflação, depois de a gente lançar um programa de desenvolvimento... Não apenas o Brasil, mas toda a América do Sul e a América Latina vinham vivendo um momento de ouro, economias crescendo acima de 5% em todos os países. De repente nós, que passamos a vida inteira sofrendo a amargura da instabilidade, quando nós estamos estáveis, o mundo rico que parecia estável, estava em instabilidade. Houve uma mudança de comportamento nas crises e foi muito decepcionante para países da América do Sul, para países africanos, da América Latina, porque nós estávamos sendo vítimas da irresponsabilidade dos países ricos.

Jornalista: Vamos, então, agora para o G-20 que o senhor já tocou. Antes do G-20, o primeiro-ministro Gordon Brown veio ao Brasil como preparação para o G-20, e ao lado dele o senhor deu aquela famosa declaração sobre “a responsabilidade da crise é dos banqueiros de olhos azuis”. O que o senhor queria dizer com aquela frase dita ao lado do Primeiro-ministro da Grã-Bretanha?

Presidente: Olha, aquilo que eu queria dizer está mais forte hoje do que estava na época porque, o que tem acontecido na Europa? Muitos países, para resolver o problema da crise, estão dificultando a vida dos imigrantes. Ou seja, são os pobres do mundo, que estão trabalhando no mundo rico, as primeiras vítimas da crise econômica, porque tem muita gente que faz até campanha dizendo que é preciso diminuir a migração para que sobre emprego para os



européus, em detrimento dos pobres do mundo que estão aqui, da América Latina, da África, da Ásia. O que eu quis dizer era que não eram os índios ou os negros que deveriam pagar a conta, mas sim os responsáveis pela crise, que eram os banqueiros de olhos azuis, ou seja, não eram os índios, não eram os negros, não eram os asiáticos que estavam aqui, não era o povo pobre do Mundo Árabe. Eram os ricos que tinham sido responsáveis pela crise, e que não jogassem a culpa em cima dos pobres do mundo, como sempre acontece quando tem uma crise econômica.

Jornalista: Tinha algum significado especial o senhor falar aquela frase ao lado do primeiro-ministro Gordon Brown? O tom da pergunta é porque na Grã-Bretanha aquilo foi interpretado como sinal de fraqueza do Gordon Brown. Ele vai visitar o mundo e encontra um líder de uma grande nação criticando outros países de olhos azuis. Ele não tem olhos azuis, mas é branco...

Presidente: Eu jamais tive intenção de ofender o Gordon Brown, que é uma pessoa por quem eu tenho um profundo respeito. Foi um homem que, enquanto ministro da Economia do Reino Unido, ele defendeu o Brasil e foi solidário ao meu governo desde o momento em que eu tomei posse. Eu jamais teria interesse de criar qualquer ofensa ao Gordon Brown. O que eu fiz foi uma relação entre os pobres do mundo que iam ser vítimas da crise e os ricos do mundo que causaram a crise.

Jornalista: Nos dias 2 e 3 de abril deste ano foi a reunião do G-20, em Londres. Eu queria que o senhor me dissesse qual era a sua expectativa para aquela reunião. O que o senhor esperava, que o senhor pudesse lembrar? Não a reunião em si, mas a expectativa. Chegando à reunião, o que o senhor tinha em mente? O que o senhor esperava da reunião?



Presidente: Olha, antes da reunião de Londres, nós tivemos a reunião nos Estados Unidos. Eu te confesso que eu fui para a reunião com um certo ceticismo, porque era a primeira vez que os países emergentes eram convidados para participar de um fórum superior ao G-8 + G-5, e que tinha como pauta principal a crise econômica. Nós fizemos um avanço já na Cúpula de (incompreensível) e depois nós chegamos a Londres. A reunião de Londres superou as expectativas. Eu fui muito cético para a reunião de Londres e lá, no auge dos debates, das discussões, nós percebemos que tinha uma coisa importante numa reunião de chefes de Estado, ou seja, ninguém tinha certeza de nada. Não tinha mais um Estado superior ao outro porque, quanto mais rico, mais tinha sofrido o revés da crise. Então, estava todo mundo muito humilde, todo mundo querendo ouvir, todo mundo querendo aprender, e eu acho que as decisões que nós tomamos foram extraordinárias.

Primeiro, a gente discutir a necessidade da regulação do sistema financeiro. Depois, discutimos a necessidade de democratizar mais o FMI e o Banco Mundial, de aportar mais recursos para essas instituições multilaterais de financiamento. Depois, a gente fiscalizar os paraísos fiscais, não permitir a existência de paraísos fiscais. Foram decisões importantes. Não flexibilizar o mercado de trabalho, como alguns queriam. Foram fatos importantes que agora começam a ser executados, começam a ser executados.

Por isso, eu estou convencido de que o G-20 passa a ser um fórum extremamente importante, e eu espero que ele não seja um fórum apenas para resolver o problema da crise. Ou seja, os pobres do mundo, os emergentes do mundo são chamados apenas para resolver o problema da crise. Quando a crise terminar, acaba-se com o G-20, volta a acontecer o G-8, cria-se um grupo de amigos, e a vida continua. Não. Nós vamos brigar. É uma decisão já dos Brics, é uma decisão de países importantes como a França. Penso que o próprio Gordon Brown está convencido de que o G-20 precisa continuar, e eu acho que nós encontramos um fórum. Talvez falem países importantes. Eu



fiquei muito feliz quando a ONU convocou uma discussão sobre a questão da crise econômica porque no fundo, no fundo a ONU poderia ser um grande fórum para fazer esse debate, porque você não pode ouvir apenas os países ricos. Você tem que ouvir também os países pobres, você tem que ouvir o que pensa a Guiné-Bissau, você tem que ouvir o que pensa um país pequeno da América Central, do Caribe. Não podem ser apenas os grandes, porque os pequenos são as vítimas. Então, a ONU seria o fórum. Como a ONU não tem hoje a representatividade que precisaria ter... Eu acho que enquanto não houver mudança e reforma na ONU para que ela tenha mais legitimidade, mais representatividade, e os grandes debates econômicos deveriam ser feitos nas próprias Nações Unidas ou num fórum que ela criasse, como o ECOSOC, e fortalecesse, nós vamos ter, no G-20, um fórum importante para discutir isso.

O que é sagrado nessa história é que todo mundo agora quer ser ouvido e todo mundo tem condições de dar o seu palpite e de dar a sua opinião. Não pode mais ser um clube de amigos como era o G-7 ou o G-8. É preciso saber que tem atores importantes. Ninguém pode discutir economia hoje e esquecer que existe uma China, ninguém pode esquecer uma Índia, ninguém pode esquecer um Brasil, uma África do Sul, um México, uma Indonésia. São países importantes que tinham que ser levados em conta nas discussões.

Jornalista: Nesse sentido, o G-8 não tem mais representatividade para resolver um problema como esse?

Presidente: Olha, o problema é que o G-8 é um clube fechado. Do ponto de vista da discussão da crise econômica, eu acho que o G-8 não tem legitimidade. Eu acho que é possível, além do G-20, até incluir outros países importantes. Veja, nós estamos tomando decisão não é para amanhã. Nós estamos tomando decisão para o século XXI. Nós estamos tomando decisão que pode durar cem anos, 50 anos. Nós temos que mudar as coisas que não



eram certas no século XX para aprimorá-las no século XXI, e aí nós temos que ouvir os outros atores da política mundial, que não é apenas o G-8.

Jornalista: Nesse sentido, é necessário que se crie, então, uma nova arquitetura econômica, como o senhor vem dizendo.

Presidente: Eu estou convencido de que nós precisamos... A base foi montada lá no G-20.

Jornalista: Perdão, mas o senhor fala...

Presidente: Eu estou convencido de que nós precisamos mudar a arquitetura mundial. A base dela foi a conversa que nós fizemos no G-20, foi um bom início, mas é preciso que o G-20 tenha uma maior densidade de funcionamento. É preciso que os nossos ministros da economia se encontrem sempre, é preciso que os bancos centrais se encontrem sempre, é preciso que os ministros das relações exteriores se encontrem sempre, para que a gente possa dar dinamismo a esse fórum do G-20. Ele não pode ficar apenas discutindo a crise econômica. Nós temos que discutir é a política econômica dos próximos cem anos, dos próximos 30, dos próximos 40 anos, porque nós temos que discutir não apenas a crise, mas discutir desenvolvimento. Nós vamos continuar tratando a África como tratamos no século XX ou nós vamos agora colocar dinheiro para o desenvolvimento da África? Na medida em que aparecem mais chineses no mundo comendo, mais indianos comendo, mais africanos comendo, mais brasileiros comendo, nós precisamos aumentar a produção de alimentos. Onde é que tem terra para aumentar a produção de alimentos? Obviamente que na América Latina e na África.

Então, é preciso acabar com essa política meramente assistencialista, de dar um dinheirinho para isso, um dinheirinho para aquilo. É preciso que a



gente coloque dinheiro em projetos de desenvolvimento, que a gente construa parceria com os países africanos para que eles possam ser donos do seu nariz e produzir seus alimentos. E aí tem que ter o acordo na Rodada de Doha, da OMC, porque é preciso que a gente desbloqueie os subsídios de europeus e americanos para os produtos brasileiros ou dos países africanos.

Jornalista: Quais são os riscos de o G-8 resistir e isso não acontecer, essa nova arquitetura não acontecer?

Presidente: Eu acho que eles vão resistir um pouco, mas eu acho que terá pouca duração, porque o Sarkozy defende não mais o G-8, o Gordon Brown já defendeu “mais que o G-8”, a Alemanha defende “mais que o G-8”, o Obama já falou “mais que o G-8”. Então, não tem mais sentido o G-8. Só se quiser ser um clube de amigos e ficar funcionando... Mas se quiser a produção, o consumo e a economia do mundo, inclusive a paz, não pode prescindir dos países emergentes hoje, não pode prescindir. Como é que você vai prescindir de uma África do Sul, como é que você vai prescindir da China, como é que vai prescindir do México, do Brasil, da Argentina? Tem que levar em conta esses países, porque esses países são grandes produtores e grandes consumidores. Esses países têm muita coisa a ver com a tranquilidade que nós queremos para o mundo.

Jornalista: Voltando ao G-20, que foi uma reunião histórica. O senhor sentiu que aquela reunião mudou a percepção que os grandes líderes tinham do Brasil, por exemplo. Houve uma mudança ali?

Presidente: Eu, na verdade, não sei se foi ali que houve a mudança sobre o Brasil. O Brasil vem trabalhando seriamente há muito tempo para que as



peças levem o Brasil mais em conta, e você só é levado em conta se você agir com seriedade. Eu aprendi, no mundo sindical, que um interlocutor só respeita o outro se ele se respeitar. Ou seja, eu só serei respeitado no mundo se eu mesmo me respeitar. O Brasil vem conquistando, com o seu procedimento, com o trabalho dos ministros, com o trabalho do governo, com o trabalho de empresários, o Brasil vem crescendo com a sua imagem positiva no cenário mundial. No G-20, o que aconteceu foi o seguinte: é que todo mundo era igual. Ali não tinha grande economia ou pequena economia, ali estava todo mundo igual. Estávamos em um barco, o barco estava afundando e não tinha comandante. Era preciso todo mundo pegar no remo e remar.

Eu me lembro que o Obama começou a reunião dizendo o seguinte: “Olha, eu sou novo no governo, eu vim aqui para aprender”. Se você imaginar um presidente americano falar isso em uma reunião, já demonstra que houve mudança substancial na visão que os Estados Unidos ou o presidente Obama tem do mundo. O Obama... a partir daquela reunião, o Obama várias vezes vem falando em construir parceria com os países africanos, com a América Latina, com... Porque é verdade. Não é aquela visão hegemônica de uma grande nação, a mais poderosa militarmente falando, a mais poderosa economicamente falando. Não é mais aquela coisa de aparecer sempre por cima. O Obama está dizendo: eu quero construir uma parceria, quero uma coisa mais sólida, uma coisa de mais confiança, em que os americanos não sejam vistos como inimigos, *a priori*.

Jornalista: Naquela mesma reunião, o Obama disse que o senhor era o presidente, o político mais popular do mundo, disse que o senhor era “o cara” etc. Isso reflete esse peso do Brasil? Ou tem mais a ver com o Obama falar que o senhor é boa pinta, que o senhor... É uma coisa pessoal?

Presidente: Veja, eu acho que o Obama foi apenas gentil. Mas, independente



disso, a verdade é que o Brasil ganhou muita credibilidade nos últimos anos. Basta que você converse com qualquer brasileiro que visite o exterior, basta que você acompanhe a imprensa no exterior. Antes, você viajava o mundo, para sair uma matéria de pé-de-página sobre o Brasil, na visita de um presidente, haja sacrifício. E hoje eu acredito que os embaixadores brasileiros, que o governo brasileiro, que os empresários brasileiros e que os jornalistas brasileiros estão vendo que nunca saiu tanta matéria positiva sobre o Brasil como tem saído nos últimos tempos, às vezes até mais importantes do que na nossa imprensa brasileira. A quantidade de artigos positivos sobre o Brasil, a quantidade de análises da seriedade da economia brasileira, dos acertos das medidas do governo. Isso é muito confortável para o Brasil.

Jornalista: Presidente, o senhor poderia fazer um paralelo entre essa crise que nós estamos tendo agora, como a crise começou nos países ricos, e a crise do final da década de 90, que foi muito forte no Brasil.

Presidente: Essa crise foi infinitamente mais forte do que a crise da década de 90. Se você pegar a crise asiática, a crise do México, a crise da Rússia e a crise da América Latina, que envolve o Brasil, o montante de dinheiro envolvido não chega a 10% do que foi essa crise agora. Naquelas crises você falava em bilhões. Nesta você fala em trilhões, e não se sabe se foram 10 trilhões, 15 trilhões, 20 trilhões, 7 trilhões, porque todo mundo ainda está fazendo uma avaliação. Até agora não se deu um número razoável para os títulos tóxicos, ou seja, o chamado crédito podre que existe na praça. Até agora não sabemos o total, mas que são trilhões e trilhões de dólares, são, porque muitos bancos importantes quebraram e eu acho que isso foi infinitamente superior a tudo o que nós conhecíamos de crise, a não ser a crise de 1929. Possivelmente, no volume de dinheiro essa foi maior. Só que essa pegou os países pobres mais organizados. Imagine se nós não estivéssemos organizados, imagine se a



economia dos países pobres não estivesse estabilizada, se não estivesse crescendo a economia na África, na América do Sul, na América Latina, no Brasil. Se nós estivéssemos na UTI, como passamos toda a década de 80, nós teríamos morrido. O dado concreto é que quando essa crise veio, o Brasil estava sólido, alto crescimento, boas reservas, e até hoje, veja, até hoje nós continuamos com uma reserva de US\$ 207 bilhões, coisa que era impensável cinco anos atrás, e era impensável.

Jornalista: Presidente, falta um ano e meio, mais ou menos, para o final do seu mandato. O que falta ser feito? Quais são as prioridades?

Presidente: Bem, falta concluir a obra que nós estamos realizando. Nós temos muita coisa a fazer ainda. Nós temos... só de ferrovias, são 4 mil e 700 quilômetros de ferrovias em construção no Brasil, são mais de 3 mil quilômetros de gasoduto no Brasil, são muitas estradas, muitas pontes, muitos navios, muitos estaleiros. Então, tem um monte de obras para serem construídas, e elas vão ser concluídas, grande parte delas, até 2010. O que vai acontecer? Quando chegar fevereiro de 2010 eu quero apresentar um outro programa de desenvolvimento. É o segundo passo, o segundo degrau da escada do PAC. Para que eu quero apresentar? Porque se apresentar em fevereiro, quando chegar no final do ano, você vai colocar no Orçamento da União aquelas despesas. Aí você vai facilitar a vida de quem vier depois de mim, porque quem vier vai pegar uma prateleira de projetos já com dinheiro no Orçamento e, portanto, vai ter muito mais facilidade de trabalhar do que nós, que começamos do zero, praticamente.

Na verdade, nós não tínhamos projetos. Quando nós criamos o PAC, nós tivemos que fazer projetos nas prefeituras, projetos nos estados. Então, obras que a gente imaginava que iam começar em um ano, demoraram dois anos para começar. Por quê? Porque nós precisamos fazer o projeto. E você



sabe que no Brasil essas coisas são complicadas porque nós temos mecanismos de proteção que, certamente, outros países não têm.

(\$31DHJMQ)